

CONSUMO / Pandemia do novo coronavírus afetou os custos dos medicamentos ao provocar uma crise mundial nos insumos de fabricação, conforme justificou o Sindusfarma. Fármacos foram reajustados em três percentuais, que estão valendo desde ontem

Remédio até 10% mais caro

» ALEXIA OLIVEIRA*

Está em vigor desde ontem um novo aumento no preço dos remédios, que vai até 10,08%. De acordo com a Câmara de Regulação do Mercado (CMED), foram aprovados três níveis de reajustes e o Sindicato da Indústria Farmacêutica (Sindusfarma), destacou que a pandemia do novo coronavírus influenciou diretamente nos valores que serão cobrados do consumidor, uma vez que houve encarecimento dos componentes farmacêuticos para a fabricação de medicamentos.

Foram definidos três percentuais de reajuste: o de nível 1 (10,08%), o de nível 2 (8,44%) e o de nível 3 (6,79%). “O enorme impacto econômico provocado pela pandemia de coronavírus resultou numa crise mundial de fornecimento de insumos farmacêuticos ativos (IFAs) e outras matérias-primas, além de aumentos nas tarifas de logística e numa forte variação cambial, esses fatores elevaram os custos de produção da indústria farmacêutica instalada no Brasil, em valores muito superiores aos esperados”, justificou o Sindusfarma.

Por conta do peso dos aumentos, o presidente-executivo do sindicato, Nelson Mussolini, orientou os consumidores a pesquisarem o melhor preço, uma vez que no balcão, sempre há diferenças. “É importante que o consumidor pesquise nas farmácias e drogarias as melhores ofertas dos medicamentos prescritos. Dependendo da reposição de estoques e das estratégias comerciais dos estabelecimentos, aumentos de preço podem demorar meses ou nem acontecer”, observou.

Mas dois fatores ajudam a mitigar o impacto dos reajustes. Um é o desconto de fidelidade, no qual o cliente de uma rede farmacêutica é bonificado com percentuais de aumento menores ou até mesmo com a manutenção do preço antigo. Outro é o bônus do laboratório, quando o consumidor se inscreve num programa de pontos para obter um medicamento com descontos progressivos. Também há planos de saúde conveniados com grandes redes varejistas pelos quais se consegue comprar medicamentos um pouco mais baratos.

Só que para quem não lança mão de nenhum dessas possibilidades na hora de comprar remédios, o reajuste vem em má hora. Para Ranniel Oliveira, balconista de uma farmácia em Valparaíso de Goiás (GO), o reajuste vai bater forte no bolso. “O momento é complicado. Muitas pessoas estão perdendo emprego e não têm como custear os medicamentos com o aumento. A situação fica ainda pior para quem depende de medicamentos de uso contínuo”, explicou.

Já o universitário Júnior Nunes, 22, mostrou-se conformado com a subida nos preços dos remédios. “A elevação na demanda de medicamentos, por conta da pandemia, impacta no custo para adquirir o produto final”, disse.

Barbara Cabral/CB/D.A Press



Quem já foi à farmácia percebeu que os preços estão mais elevados. Segundo o Sindusfarma, custos trazidos pela pandemia influenciaram nos percentuais para os reajustes



O enorme impacto econômico provocado pela pandemia de coronavírus resultou numa crise mundial de fornecimento de insumos farmacêuticos ativos (IFAs) e outras matérias-primas, além de aumentos nas tarifas de logística e numa forte variação cambial"

Trecho da nota do Sindusfarma explicando os aumentos



foi o preço médio da gasolina em março

Cesta de Páscoa sobe quase 30%

» GABRIELA BERNARDES*
» JOÃO VITOR TAVAREZ*

Quem estiver pensando em aprontar uma bela bacalhoadinha para o próximo domingo, arrebatada com ovos de chocolate ou bombons de sobremesa, vai tomar um susto não com o preço do peixe seco ou da guloseima, mas com os demais ingredientes do almoço, que fizeram disparar a inflação da Páscoa. De acordo com a Fundação Getúlio Vargas (FGV), o salto foi de 0,56%, em 2020, para 29,17%

este ano, no acumulado de 12 meses fechado em março.

Dessa vez, porém, nem o bacalhau nem o ovo de chocolate são os vilões — que ficaram estáveis, para a alegria do consumidor, que habitualmente paga caro pelos dois produtos. O que disparou foram os demais componentes para o tradicional prato de domingo: o arroz subiu 60,79%; a batata-inglesa, 27,82%; e a cebola, 50,9%.

Williams Ferreira, gerente de um supermercado de Planaltina, confirma que “os ovos de páscoa,

há um mês, estavam na faixa de R\$ 30, e nesta semana de feriado a média chegou a R\$ 22. Já o quilo do bacalhau não ficou tão caro em relação ao último ano, pois manteve-se na régua de preço”, afirmou. Bombons e chocolates, segundo o levantamento da FGV, até caíram: de 17,38% para 12,05%, em média. Já o bacalhau sofreu uma forte queda: de 13,35% para 7,28%.

Ecio Costa, economista da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), explicou que o mercado externo tem grande

impacto no valor dos produtos de Páscoa: “Alguns desses itens têm cotação no mercado internacional. No momento, a retomada da economia chinesa e estímulos monetários na economia americana alavancam o valor dos insumos. E tem a situação do câmbio, pois o real é uma das moedas que mais desvaloriza, o que prejudica a compra de muitos insumos importados”, observou.

* Estagiários sob a supervisão de Fabio Grecchi

Preço menor na gasolina não foi sentido

A redução de 3,71% no preço da gasolina nas refinarias anunciada há uma semana pela Petrobras não teve qualquer efeito nas bombas do país. Em março, pelo 10º mês seguido, o preço médio do combustível registrou variação positiva, com alta de 10,94%. Com isso, o litro foi vendido, em média, a R\$ 5,727. As informações constam em levantamento feito pela ValeCard, empresa especializada em soluções de gestão de frotas.

Obtidos por meio do registro das transações realizadas entre os dias 1º e 31 de março com o cartão de abastecimento da ValeCard em cerca de 25 mil estabele-

cimentos credenciados, os dados mostram que as maiores altas foram registradas em Sergipe (13,09%) e Goiás (13%). Já as menores foram no Ceará (7,34%) e no Amapá (7,71%).

As capitais do Rio de Janeiro (R\$ 6,099) e do Acre (R\$ 6,091) foram as que apresentaram maiores preços médios em março. Já João Pessoa (R\$ 5,215) e Curitiba (R\$ 5,282), os menores valores.

No caso do etanol, Rio de Janeiro (R\$ 5,199) e Rio Grande do Sul (R\$ 5,168) registraram os maiores preços médios em março. Conforme o levantamento, em nenhum estado compensa abas-

tecer o veículo com etanol. A opção só é vantajosa quando o litro do derivado da cana-de-açúcar custar 70% (ou menos) do que o da gasolina.

Em março, houve alta de dois dígitos nos preços dos combustíveis mais utilizados em automóveis praticados pelos postos de distribuição. Segundo o Índice de Preços Ticket Log (IPTL), o etanol teve aumento de 17,97% mês passado em relação a fevereiro, chegando ao preço médio de R\$ 4,599 por litro. Já a gasolina subiu 12,06%, a R\$ 5,717.

O levantamento realizado na primeira quinzena de março já apontava que o etanol havia su-

perado a marca de R\$ 4. Com o fechamento do mês, o combustível foi encontrado pelo valor médio mais alto na Região Sul, a R\$ 4,774 — o preço mais baixo estava no Centro-Oeste, a R\$ 4,412. Para a gasolina, o preço médio mais caro foi registrado no Centro-Oeste, a R\$ 5,800, e o mais baixo no Sul, a R\$ 5,528.

Entre os estados, o Acre tem a gasolina mais cara do país, e registrou aumento de 12,44% nos preços, a R\$ 6,166 o litro. O Amapá manteve a mais barata, a R\$ 5,285, após o preço médio avançar 14,87%. A maior alta foi registrada em Roraima, de 15,69%.

CONJUNTURA

Governo confirma Fausto Ribeiro no comando do BB

» ROSANA HESSEL

O presidente da BB Consórcio Fausto Ribeiro é o novo presidente do Banco do Brasil. O decreto que o nomeou foi publicado ontem à noite, numa edição extra do *Diário Oficial da União (DOU)*. Ele substitui André Brandão, que entrou em rota de colisão com o presidente Jair Bolsonaro ao pôr em prática um programa de reestruturação na instituição — com redução de pontos de atendimento, fechamento de agências e diminuição de pessoal.

Ribeiro é funcionário de carreira do BB e, mesmo antes de assumir o cargo, já enfrentou problemas. Ontem, dois integrantes do Conselho de Administração

do banco — o presidente do colegiado, Hélio Lima Magalhães, e o conselheiro independente José Guimarães Monforte — divulgaram uma carta em que classificavam o novo comandante da instituição como despreparado para o cargo, sob a justificativa de que não percorreu todas as etapas de funções gerenciais que seriam desejáveis para o posto.

Diante do mal-estar, Magalhães e Monforte renunciaram aos cargos ontem à noite. A saída dos dois passa a ter efeito a partir de hoje, e ocorreu após a sinalização do controlador, na última reunião do Conselho, de que eles não seriam reconduzidos às funções, na próxima assembleia — marcada para o dia 28 deste mês.

Desrespeito

Na carta em que comunicou a saída do cargo, Magalhães não poupou críticas às interferências do governo no BB e apontou “várias tentativas de desrespeito à governança corporativa”. Ele informou que, mesmo se o controlador sinalizasse que seria reconduzido ao cargo, não mudaria sua decisão.

Magalhães alegou que, quando assumiu a presidência do Conselho de Administração, tinha o compromisso de elevar o padrão de governança e melhorar a eficiência do banco. Contudo, percebeu que essas não são mais as prioridades do acionista controlador. No fim do do-

cumento, escreveu que deixa o BB com pesar, “mas convicto de ter tomado a decisão mais acertada no momento”.

O Conselho de Administração do BB é composto por oito conselheiros, sendo que cinco deles, incluindo o presidente e o vice-presidente, são indicados pelo Ministério da Economia. Os empregados têm direito de indicar um integrante, completando o quadro. Outros dois conselheiros independentes, Luiz Serafim Spinola Santos e Paulo Roberto Evangelista de Lima, são escolhidos dos acionistas minoritários. Magalhães e Monforte eram os membros independentes indicados pelo controlador.

Reprodução/LinkedIn



Críticas a Ribeiro são porque ele não percorreu todas as instâncias do BB